



CONTRIA-CORRENTE

A análise da conjuntura econômica na visão e linguagem do sindicalismo classista e dos movimentos sociais

Boletim quinzenal de conjuntura econômica do ILAESE

Ano 01, Nº 09 - 15 de setembro de 2011

Os grandes bancos brasileiros estão lucrando com a crise

Qual setor da economia, mesmo na maior crise econômica dos últimos 70 anos, viu seus lucros aumentarem? Qual setor consegue bater recorde de lucratividade todos os anos, durante 08 anos seguidos? Em plena campanha salarial dos bancários, o Contra-corrente analisa um setor cujos ganhos só são comparáveis com a máfia, tráfico de drogas e contrabando de armas: o nobre sistema financeiro brasileiro!

Por Nazareno Godeiro

Desde 2008, o mundo passa por uma grave crise econômica internacional. No Brasil, apesar de efeitos menores, a crise incidiu na economia, que desacelerou em 2008 e entrou em recessão em 2009.

As 500 maiores empresas sentiram os efeitos da crise internacional, tendo uma diminuição dos seus lucros em cerca de 10% em 2008 e em 2009.

Porém, o G5 do sistema financeiro – os cinco maiores bancos brasileiros (Itaú, Banco do Brasil, Bradesco, Santander e Caixa Econômica Federal) – passou ileso pela

crise e seu lucro tem crescido de forma continuada nos últimos anos.

O Sistema de Parasitismo Brasileiro

Os grandes bancos saíram ganhando com a crise porque um dos remédios usados para minimizar os seus efeitos no Brasil foi o endividamento generalizado da população vinculado aos maiores juros do mundo. Crescem as dívidas, ganham os banqueiros.

Neste número, o Contra-corrente apresenta uma parte do recente estudo do ILAESE sobre o Sistema Financeiro Brasileiro (SFB) desde

sua reestruturação, em 1994.

Analisamos porque os bancos brasileiros são os mais rentáveis das Américas, a concentração do setor, a financeirização da economia, a relação com a dívida pública e a precarização do trabalho bancário.

É dentro deste cenário que a campanha salarial dos bancários se aproxima de momentos decisivos.

Os banqueiros já avisaram: “o salário do bancário cresceu demais”. Agora é a hora da resposta dos trabalhadores. Aqui está uma parte dela.

Assine

CONTRIA-CORRENTE

Anual (24 edições):

5X R\$ 200

Semestral (12 edições):

3X R\$ 200

Trimestral (06 edições):

2X R\$ 200

ilaese@ilaese.org.br

Sistema Financeiro Brasileiro e as Crises: crescimento, concentração e financeirização

O mundo está em crise, mas não a Avenida Paulista. Na região símbolo do sistema financeiro no Brasil, há anos que se comemora o desempenho fantástico dos grandes bancos brasileiros.

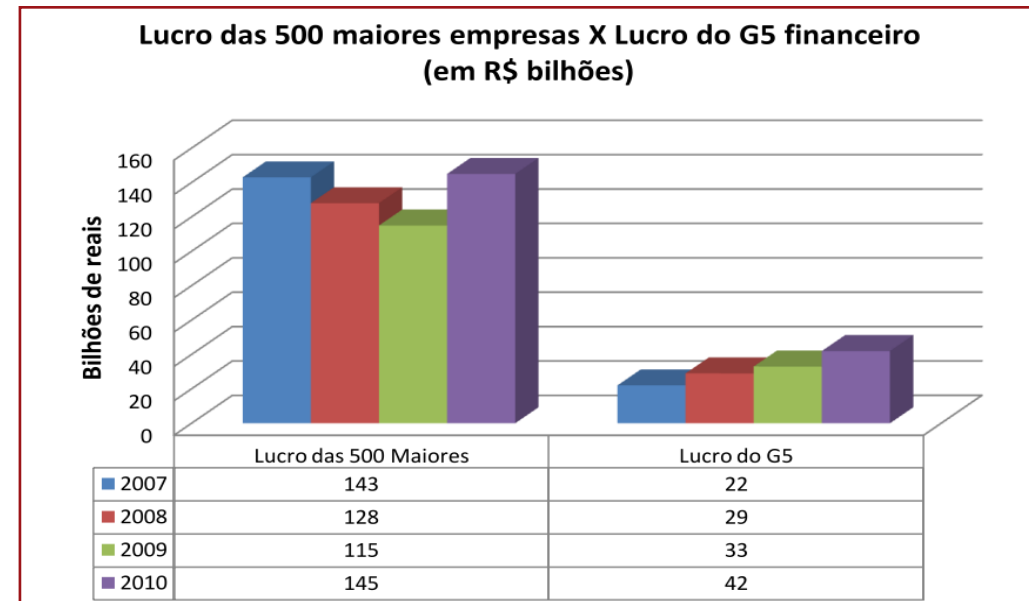
Só em 2010 seus lucros cresceram, em média, 28,7%, quatro vezes mais que o “pibão” do mesmo ano. Como é possível um desempenho tão favorável? Será que os “nossos” banqueiros são os mais inteligentes, capazes e esforçados do mundo?

Como lucrar com as crises

Na nossa história recente, o Brasil já passou por várias crises econômicas. A partir de meados dos anos 70, o país entrou em uma fase de estagnação econômica e hiperinflação que durou até os anos 90.

No governo FHC, o Brasil passou por duas grandes crises internas, além de ter sido afetado por várias outras crises internacionais, como as do México, Rússia, Ásia e Argentina. Atualmente, mais uma crise internacional se desenvolve.

À primeira vista,



Fonte: Revista Exame Maiores e Melhores 2011 e Banco Central. As receitas dos bancos se referem às receitas de intermediação financeira. Elaboração ILAESE.

poderíamos imaginar que o sistema financeiro do país saiu abalado ao fim de cada uma destas crises. Afinal, vários bancos sucumbiram, só ficando na memória das gerações atuais os bordões das suas propagandas.

No entanto, esta é uma visão ingênua e parcial. Foram com as crises que o sistema se consolidou, formando uma importante burguesia financeira nacional.

O resultado deste processo foi um setor oligopolizado por 05 grandes bancos, cujos negócios só são comparáveis aos grandes cartéis do crime organizado internacional.

Podemos ver a con-

firmação disso com o crescimento do capital dos bancos nos últimos 16 anos.

Segundo o Banco Central, nos governos de FHC e Lula, os ativos do G5 (soma de todas as riquezas em poder dos bancos, próprias e de terceiros) cresceram 1.260%,

uma média de 80% ao ano!

Acompanhando o crescimento dos ativos, os lucros cresceram 1.575% no mesmo período, uma média de 121% ao ano!

É como se os bancos dobrassem seus lucros a cada ano, durante as gestões do PSDB e PT. ●

Desempenho do G5 Financeiro em 2009-2010

| | Lucro em 2010 (em R\$ bi) | Lucro em 2009 (em R\$ bi) | Aumento do lucro (2010/2009) |
|-----------|---------------------------|---------------------------|------------------------------|
| Itaú | 13,3 | 10,0 | 33% |
| BB | 11,7 | 10,1 | 15% |
| Bradesco | 10,0 | 8,0 | 25% |
| Santander | 3,9 | 1,8 | 110% |
| CEF | 3,7 | 2,9 | 25% |

Fonte: Banco Central.

Capitalismo brasileiro: agiotagem da dívida pública e juros altos

A maior parte da riqueza dos bancos brasileiros vem de um duplo parasitismo.

De um lado, o endividamento dos trabalhadores, que atingiu níveis recordes no Brasil (veja Boletim Contracorrente número 03, de 15/06/2011).

Do outro, a Dívida Pública, com a qual os bancos ganharam R\$ 146 bilhões de reais apenas em 2010, por meio de agiotagem desta dívida, que já chega a R\$ 2,5 trilhões (veja Boletim Contracorrente número 04, de

01/07/2011).

Desde 1996, os ganhos dos bancos com a dívida já alcançou uma cifra de R\$ 1,3 trilhão (veja gráfico abaixo).

Para se ter uma ideia, a quantidade que os banqueiros ganharam em 2010 com juros da Dívida Pública é maior do que tudo que o Governo Lula gastou com Saúde, Educação, Bolsa-Família e Reforma Agrária.

O desempenho dos bancos é decorrente da política econômica ado-

tada desde FHC até Dilma, baseada no endividamento público e privado, associado a juros altos.

Nenhum governo tem interesse de enfrentar a ciranda financeira, porque se beneficia dela.

Nas eleições de 2010, o Bradesco “doou” R\$ 18,8 milhões para a campanha da Dilma e R\$ 8,2 milhões para Serra. O Itaú, “deu” outros R\$ 8 milhões para cada um dos candidatos.

O modelo do cresci-

mento baseado no endividamento é um sucesso total: até o dia em que a crise se abate sobre o país, os capitais estrangeiros fogem e a legião de trabalhadores endividados não possa continuar rolando esta dívida monumental.

Foi o que aconteceu nos Estados Unidos em 2008 e pode acontecer também no Brasil.

Bancos brasileiros são os mais rentáveis das Américas

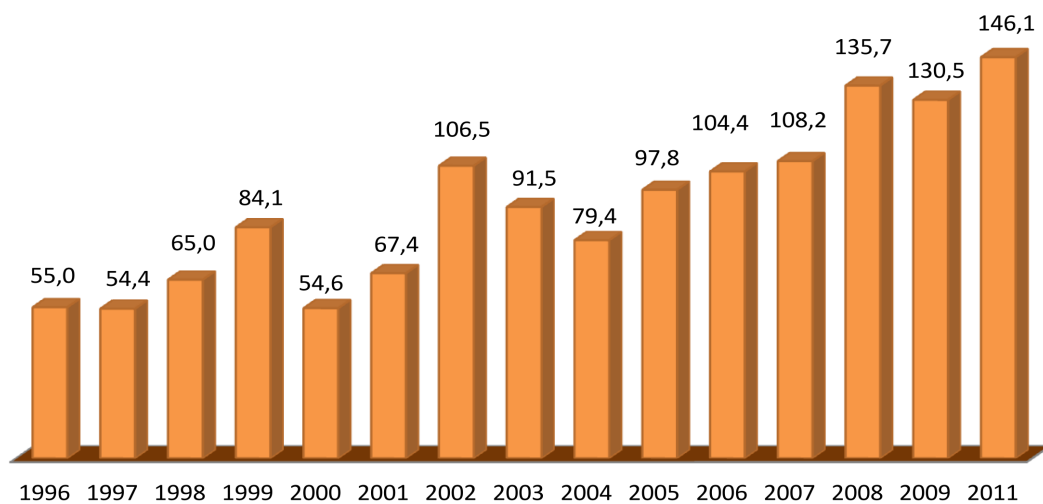
Entre os 10 bancos mais rentáveis das Américas, os três primeiros são brasileiros: BB, com retorno sobre o patrimônio de 26,4%; o Bradesco, com 22,3% e o Itaú-Unibanco, com 20,5%.

O crescimento dos bancos brasileiros se dá a uma velocidade de 3 a 4 vezes maior que os bancos fora do país.

Para se ter uma ideia, o primeiro banco dos Estados Unidos a aparecer na lista tem uma rentabilidade de 12,9%, a metade da brasileira.

O Citibank, um dos maiores do mundo, nem aparece na lista. ●

Ganhos dos bancos com Dívida Pública Interna (1996-2010)
(em R\$ bi)



Fonte: Banco Central. Elaboração ILAESE.

A exploração e luta dos bancários

Passados 16 anos, a realidade demonstrou que a reestruturação bancária, realizada por FHC, só favoreceu aos banqueiros.

Na década de 1980, havia uma agência para cada 7.432 habitantes. Hoje, há uma agência para cada 9.615 habitantes.

Este relação é ainda mais grave quando consideramos o aumento do número de correntistas.

Em 2010, já tínhamos 151 milhões de contas bancárias, para apenas 605 mil bancários. Cada bancário “toma conta” de cerca de 250 mil contas.

Como se isso já não fosse suficiente, houve uma redução espetacular do número de bancários.

Em 1990, havia 826.244 bancários. 20 anos depois, este número caiu para somente 486.196 trabalhadores diretos dos bancos (605.580 trabalhadores, contando com os terceirizados que trabalham nas agências). Uma queda de 41%.

Com tudo isso, os bancários acumulam perdas salariais. Se os lucros cresceram a uma média de 121% ao ano nos últimos 16 anos, a folha salarial cresceu apenas 19% ao ano.



Em 1995, um funcionário custava para o BB o equivalente a 21 Salários Mínimos. Atualmente, o custo médio por funcionário está em 7,5 salários mínimos.

A exploração é tanta que um trabalhador do Itaú paga seu salário mensal em 11 horas de trabalho, já que cada um rendeu para o banco R\$ 839 mil reais em 2010, enquanto o banco gastou apenas R\$ 78 mil em salários e encargos.

Ao invés de ampliar o número de agências e de bancários, a incorporação de amplas massas aos

serviços bancários se dá através de um triplo processo de precarização.

De um lado, cria-se um serviço bancário paralelo, por meio dos correspondentes-bancários, com salários 75% mais baixos, sem organização sindical, com jornada de 08 horas e sem segurança adequada.

Por outro lado, reduz-se o número de bancários e os pressiona a aceitarem salários e condições de trabalho rebaixados e a virarem vendedores de produtos do banco.

Por fim, perde tam-

bém a população, com atendimento de baixa qualidade, com longas filas e ainda mais exposta à violência.

Os “correspondentes bancários” são a flexibilização completa da categoria e um salto no grau de exploração dos bancários.

Este golpe foi orquestrado pelos bancos e BC, que regulamentou o serviço (sem autoridade jurídica para isso), com a conivência dos governos Lula e Dilma.

Por tudo isso, um serviço bancário de qualidade e com recursos usados para o benefício da população só é possível com a estatização do Sistema Financeiro, pela suspensão do pagamento da dívida pública e pela formação de um Banco Único Estatal, sob controle dos bancários e da população trabalhadora.

Uma estatização sem indenização, que garanta a estabilidade no emprego para os bancários, o fim da terceirização, concurso público para duplicar o número de bancários, a universalização dos serviços bancários, sem cobrança de tarifas e um Plano de Cargos e Salários, que acabe com as perdas salariais.